UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

4

INSCRIÇÕES 11-15

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1982

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.

Education et culture
Culture 2000

Depósito Legal Nº 191563/03

11

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE IGREJINHA (CONVENTUS PACENSIS)

FOTOS 11.1 e 11.2

Lápide funerária, em calcário cinzento, de talhe irregular, encontrada no Monte da Calada, freguesia da Igrejinha, Arraiolos.

Dimensões: 170×65×24 (junto à l. 3).

APANO / CILEI . F(*ilio*) / HIC . SITVS . ET / STATVERVNT / [5] SERORES ET . VIDVA

Altura das letras: l. 1 e 2: 7,5; l. 3: 6,5; l. 4 e 5: 5,9; l. 6: 6. Espaços interlineares: 3.

Na l. 3 a inscrição ultrapassa a face epigrafada e a palavra ET está grafada já na espessura da pedra. Os pontos são circulares vazados.

O texto desta inscrição refere um *Apanus Cilei filius*, indivíduo que pelas referências onomásticas se inscreve na sociedade indígena; o facto de na 5.ª linha aparecer grafado *serores* por *sorores*, não é inédito na epigrafia latina da Hispânia (cf. A. CARNOY, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, Bruxelles, 1906, p. 100); quanto ao vocábulo *vidua*, ele é conhecido nas inscrições páleo-cristãs (cf. J. VIVES, *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, Barcelona, 1969, p. 253 e 278 e 281).

A datação desta inscrição levanta alguns problemas; por um lado, o vocabulário pode dizer-se tardio, o que numa perspectiva da historiografia tradicional choca com a presença dos elementos onomásticos indígenas. Por outro lado, o traçado do C e dos OO, completamente circulares, indicaria uma cronologia não muito tardia. A forma verbal *statuerunt* (sic), tão invulgar na epigrafia funerária, arrasta um peso jurídico aparentemente não conforme com a exiguidade do texto.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

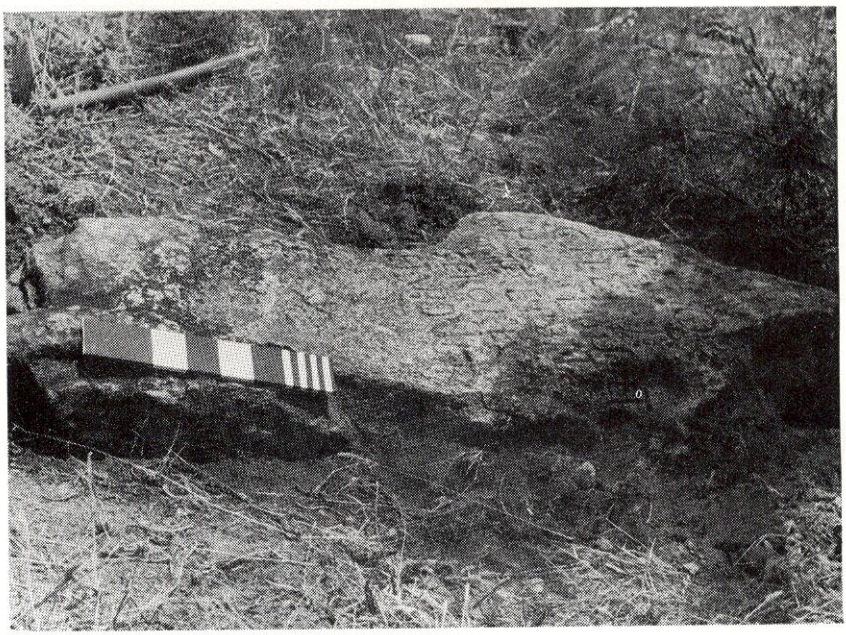

Foto 11.1

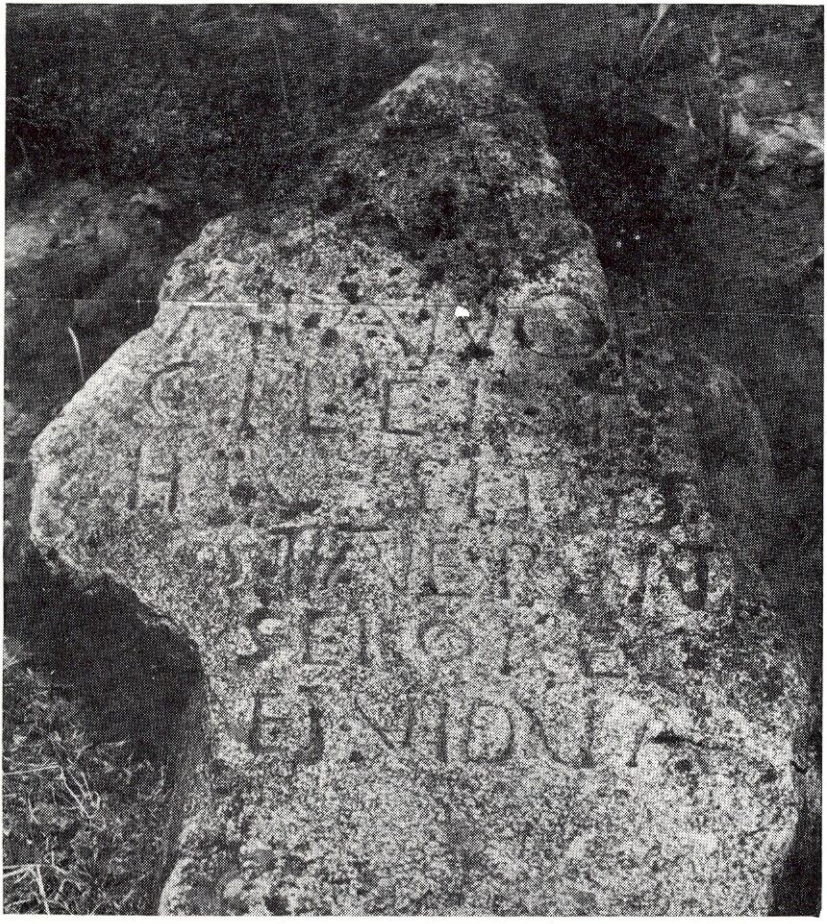

Foto 11.2

12

ESTELA FUNERÁRIA DE BEJA (CONVENTUS PACENSIS)

FOTO 12

Estela funerária romana, em mármore cinzento-claro, proveniente de trabalhos de demolição na periferia da cidade de Beja. Adquirida por J. Rodrigues Mourão Júnior, a cuja colecção pertenceu, encontra-se actualmente no Museu Militar do Baixo Alentejo, no castelo de Beja. Apresenta uma larga concavidade circular, com 10 cm de diâmetro e quase 7 cm de profundidade, que destruiu parte das l. 4 e 5.

Dimensões: 61×26×17,5.
Campo epigráfico: 24×26/23.

RVGA . Q(*uinti*) . / IVLI . GALLI . SER(*vus*) / ANNOR(*um*) . X (*decem*) / AMO[ENA F(*ilio*) PI]ISSI/[5]MO [F(*ecit*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*)] L(*evis*).

Altura das letras: l. 1: 4,5; l. 2: 4; l. 3: 3; l. 4: 2,5; l. 5: 2. Espaços: 2: 1,8; 3: 1; 4: 1; 5: 0,5.

Campo epigráfico ligeiramente rebaixado; pontos de separação triangulares. Caracteres de meados do séc. III ou pouco posteriores.

O cognome *Ruga*, embora conhecido (I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinki 1965, p. 237), não é muito vulgar na Hispânia, onde temos apenas dois exemplos, ambos da Bética (*CIL*, II, 2014 e 5059). Se bem que o antropónimo *Amoenus/Amoena* não seja conhecido na zona de Pax Iulia (cf. J. UNTERMANN, *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispánia Antígua*, Madrid 1965, p. 55), afigura-se-nos o de restituição mais provável, senão mesmo o único possível de entre os elementos onomásticos conhecidos.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

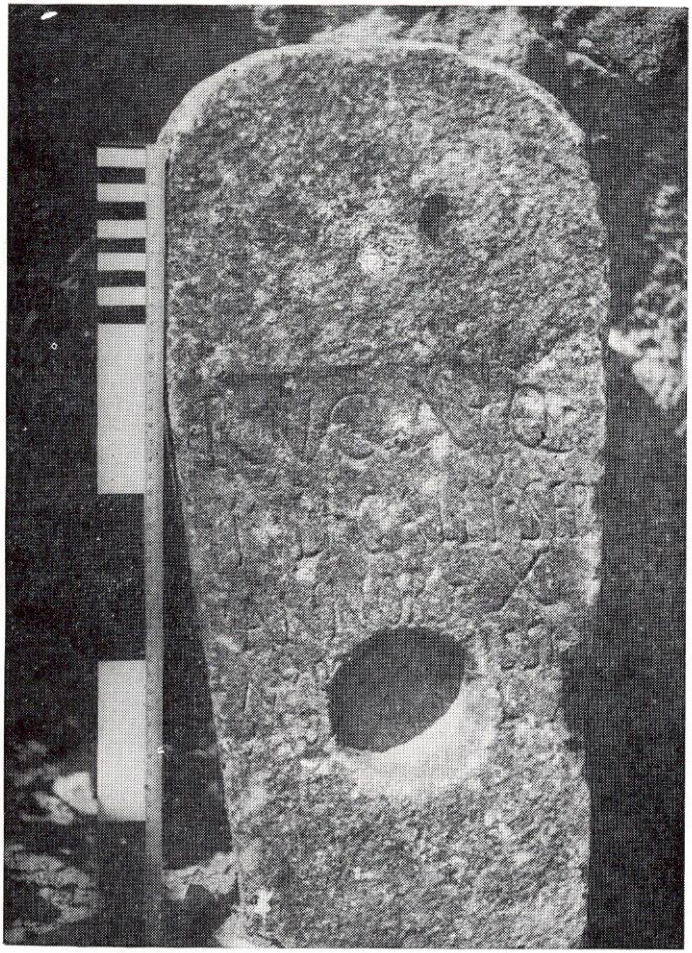

Foto 12

13

UM TEXTO HONORÍFICO DE ALCÁCER DO SAL (CONVENTUS PACENSIS)

FOTOS 13.1 e 13.2

Existe no Museu de Alcácer do Sal, proveniente da própria vila, um bloco paralelepipédico, em mármore azul, com duas faces epigrafadas: um dos textos (B), opistógrafo em relação ao outro (A), já foi dado a conhecer por Leite de Vasconcelos («O Arqueólogo Português», I, 1895, p. 76-77); o texto A encontra-se inédito — apresentámo-lo, apenas, em comunicação feita, a 29 de Janeiro de 1981, na Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa).

Dimensões: 76,5 × 53,5 × 43.

Texto A

[L(*ucio*)?] IVNIO . L(*ucii*) . F(*ilio*) . GAL(*eria tribu*) / HILONI. IIVIR(*o*) (*duunviro*) . / EX . D(*ecreto*) . D(*ecurionum*) / [FL]AMEN DIVI . AVGVST[I] / [5][P.?]ERPET[VVS] [...] DVRONIV[S] / [...] F.(*ilius*) . GAL(*eria tribu*) MODESTVS.

Texto B

[...][OB MEMO?] / [RA?]NDVM . M[ERIT(*um*)?] / IN . REM . P(*ublicam*) . / [ET] PLEBEM . SVAM / D(*ecreto*) . D(*ecurionum*)

A Lúcio (?) Júnio Hilão, filho de Lúcio, da tribo Galéria, duúnviro; por decreto dos decuriões flâmine perpétuo do divino Augusto, (...) Durónio Modesto, filho de..., da tribo Galéria.

... (para lembrar o mérito?) para com a República e a sua população. Por decreto dos decuriões.

Foto 13.2

Foto 13.1

Altura das letras: *Texto A* — l. 1: 5,3; l. 2 e 3: 5,5; l. 4 e 5: 4,8; l. 6: 4. *Texto B* — l. 1 e 2: 5,2; l. 3: 5,6; l. 4: 6.

Espaços: *Texto A* — 1: 8,5; 2: 2; 3: 1,7; 4: 0,7; 5: 0,5/0,9; 6: 1,5/1,3; 7: 26. *Texto B* — 1: ?; 2 e 3: 3; 4: 11; 5: 36,5.

Paginação segundo um eixo de simetria. Pontuação em forma de vírgulas. Caracteres bem desenhados, verticais, quase monumentais quadrados; *O* circulares, travessões horizontais, G enrolando para dentro, P não fechado, R de haste oblíqua recurvada.

Duúnviro, por ordem dos decuriões flâmine perpétuo do imperador Augusto divinizado, cidadão romano inscrito na tribo Galéria (de Salácia), Júnio Hilão possui um cognome, ainda não registado, que se deverá relacionar eventualmente com *Hyle*, *Hyllus*, *Hyllos* — cognomes de origem grega atestados em Roma. Apesar de mencionada, no texto B, a decisão municipal, parece que a homenagem foi feita por um outro cidadão, Modesto, cujo gentilício — *Duronius* — ainda não encontrado na Península Ibérica parece derivar, segundo Schulze, de *Duronia*, cidade dos Samnitas, na Península Itálica.

José d'Encarnação

14

UMA ESTELA DO MUSEU DE ÉVORA (CONVENTUS PACENSIS)

FOTO 14

Encontra-se no Museu Regional de Évora uma estela funerária, em ardósia, cujas circunstâncias de achado e de entrada no museu se desconhecem. Pelas extraordinárias semelhanças tipológicas e textuais com os monumentos de S. Pedro do Corval, Reguengos, é de prever que de lá tenha vindo também.

Com a parte superior alisada, frontão marcado em altura através de sulcos na superfície frontal, arestas preparadas no lado direito — encontra-se partida do lado esquerdo, circunstância que determinou o arranque das lascas que continham parte da inscrição. Tem linhas auxiliares.

Dimensões: 89×66×5. Altura do frontão: 23,5.

[*praenomen*] [C]ASSIVS . RVFV[S] / [TAP]ORI . F(*ilius*) . AN(*norum*) . XXXV (*triginta quinque*) / [...] CI FC . X CE .)? / / [...] H(*ic*) S(*itus*) [E(*st*)?] / [5][...?]

Aqui jaz ... Cássio Rufo, filho de Taporo, de 35 anos...

Altura das letras: l. 1: 7,4; l. 2: 7,6 (V = 3,8); l. 3: 7,4; l. 4: ?. Espaços: 1: 11,2; 2 a 4: 7,5.

Paginação segundo um eixo de simetria não muito perfeita. V de vértices arredondados; X (l. 2) em forma de cruz latina.

Para além do inusitado da l. 3, onde se deveria encontrar o nome do dedicante, o texto interessa sobretudo por apresentar um membro da *gens Cassia*, não muito atestada no *conventus*

Pacensis (CIL, II, 5166, ILER, 5449), que se identifica com os *tria nomina* seguidos do patronímico — *Taporus* —, documentado noutra epígrafe de S. Pedro do Corval (CIL, II, 6263), onde o modo de identificação é o mesmo.

Pelo tipo de letra é inscrição possivelmente do séc. I.

José d'Encarnação

Foto 14

15

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE PÓVOA DE ATALAIA (FUNDÃO)

FOTO 15

Placa funerária em granito da região, encontrada na freguesia de Póvoa de Atalaia, concelho de Fundão, distrito de Castelo Branco, quando se procedia à reconstrução de uma casa junto da igreja matriz.

Alertados pela notícia da descoberta, dada pelo jornal regional «Reconquista», em 31-XII-80, alguns membros do Centro de Estudos Epigráficos da Beira deslocaram-se ao local, a fim de, como é hábito, procederem ao seu estudo.

O campo epigráfico encontra-se rodeado por uma moldura bastante fragmentada. A parte inferior foi adaptada a verga de porta manuelina, de forma que parte da l. 4 foi afectada, embora a fórmula funerária final se reconstitua bem.

A pedra encontra-se actualmente (Dez. 1981) na sacristia da igreja.

Dimensões: 42×100×28,5.
Campo epigráfico: 31×77.

GRAECINIVS / LANGON . / ANN(*orum*) XXXV (*triginta quinque*) / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) S(*it*) T(*ibi*) T(*erra*) L(*evis*).

Aqui jaz Grecínio Langão, de trinta e cinco anos. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 6,3/7; l. 2: 6,4/6,8; l. 3: 6,7; l. 4: E = 3,8, S = 4,3, T = 3,7. Espaços: 2: 1,8; 3: 1,7; 4: 1,4.

A paginação do monumento é excelente. O *ordinator* preocupou-se em utilizar todo o campo epigráfico segundo um eixo de

Foto 15

simetria. As letras, capitais, são de incisão triangular. Há a registar o nexo XV da linha 4.

Graecinius é um gentilício que se documenta duas vezes em Idanha-a-Velha (1). O cognome *Langon* parece-nos provir do vocábulo grego λάγγων que, em latim, deu *Langon*, «homem lento». No poeta Marcial (9, 50, 5) regista-se o antropónimo *Lagon*, que lhe é equivalente. Pela onomástica, parece-nos pois estarmos perante um liberto. Uma outra hipótese de origem etimológica do cognome é a sua possível relacionação com a raiz céltica *Lang-*, que surge em topónimos como *Langobriga*. Nesse caso, *Graecinius* seria um indígena romanizado. Parece-nos, porém, mais provável a primeira hipótese.

A ausência da invocação aos deuses Manes e a paleografia permitem datar o monumento do séc. I ou princípios do II (2).

M. Leitão

---

(1) Fernando de Almeida, *Egitânia — História e Arqueologia*, Lisboa, 1956, p. 195 inscrição n.º 85 (ILER 4052) e p. 196 n.º 87 (ILER 4638).

(2) Agradecemos ao amigo e mestre Dr. José d'Encarnação o auxílio prestado na elaboração desta notícia.